JFT 8.5.8.6.89

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP

CMUHE035688

TOLEDO, Conceição Arruda. Brasão de Campinas (9). Diário do Povo, Campinas, 28 jan. 1978.

# Brasão de Campinas

IX

Quanto à segunda parte da crítica do brasão de Campinas, de 1937, relativa aos "anti-estéticos" suportes assimétricos e demais atributos, vejamos: A Heráldica brasileira, supostamente herdada de Portugal, (de antes e depois da emancipação política) numa tentativa de repelir a subserviência, admitiu e tornou quase obrigatório o uso de tenentes, suportes ou apoios, bem como o de outros atributos ou ornamentos externos. Antes, conferiu ampla liberdade ao desenho das coroas murais, fixando preferência à **de ouro, com 4 torres**, desenhada sob perspectiva heráldica, segundo à qual, são visíveis uma torre ao centro e meia de cada lado; e no listel, geralmente de côr, uma legenda latina com letras maiúsculas de metal.

Essa uniformidade da coroa mural demonstra a índole nacional isenta de discriminações, considerando todas as cidades iguais, com os mesmos direitos e autonomia. As "capitais" apenas sediam os Governos; não gozam privilégios nem exercem poder sobre as demais cidades, podendo deixar de o ser, como em diversos estados brasileiros que tiveram mais de uma capital: Pernambuco, Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais.

O brasão de S. Paulo ostenta a tradicional coroa de 4 torres. (3 visíveis).

Uma coroa mural descrita como sendo de 4 torres, apresentará apenas 3 delas: uma inteira no centro e meia de cada lado, pois sendo desenhada de perfil, uma parte ficará oculta.

Campinas foi a primeira cidade paulista a acolher a coroa mural de 3 torres visíveis, em 1889, modernizada em 1937 segundo o modelo consagrado e em respeito à tradição.

Em homenagem à padroeira, optou-se pela apresentação de um escudete no cimo da porta da torre, porque na simbologia heráldica o escudete significa proteção.

Quanto aos suportes, desde o século XIV adquiriram um caráter significativo, alusivo e simbólico. Na heráldica municipal brasileira seu uso constitui praxe ou norma obrigatória, não existindo porém, prescrições a serem observadas em seu emprego.

Tais ornamentos são usados em ambos os lados do escudo e nem sempre são iguais ou simétricos.

No brasão de Campinas de 1937 ostentam-se dois suportes: à destra, uma haste de cana-de-açúcar e, à sinistra, um ramo de café frutificado, ambos de sua côr.

O ramo de café apareceu na heráldica nacional logo após a Independência; a cana-de-açúcar, desde os tempos coloniais. São, portanto, ornamentos exteriores tradicionais.

A propriedade de sua utilização conjugada no brasão de Campinas é evidente, pois foram esses produtos o alicerce da economia local, refletida nacionalmente. E a simetria não interfere em sua escolha. Há casos de escudos que trazem suporte unicamente de um lado, o que basta para dar a crítica como refutada.

A divisa do primitivo brasão foi conservada em 1937. Ela afirma o presente e assegura o futuro como prescrevem os mestres em heráldica. Expressa em latim, traz a musicalidade de um decassílabo simbolista, com a tônica predominante na quinta sílaba: LABORE VIRTUTE CIVITAS FLORET.